

O mês da liberação: uma lição sobre a (des)globalização

Abril foi daqueles meses em que, se os mercados fossem um filme, os roteiristas estariam sendo acusados de exagero. Entre tarifas altíssimas, cortes diplomáticos, juros em disparada e saltos inesperados na Bolsa, ficamos nos perguntando: o que mais pode acontecer? Mas, como bons gestores, preferimos perguntar "o que isso muda na nossa estratégia?".

No cenário internacional, os EUA reacenderam o barril de pólvora comercial com a China. No dia 2, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou tarifas de 145% sobre importações chinesas e de 10% para outros países. A resposta chinesa foi rápida e dura: 125% de tarifas sobre produtos norte-americanos e restrições à exportação de terras-raras — minerais vitais para a indústria de tecnologia. O impacto foi imediato: o S&P 500 caiu 11,19% na primeira semana do mês, num tombo digno de ser anotado com marcador vermelho.

Mas como em um roteiro clássico, veio o alívio. No dia 9, a Casa Branca anunciou uma pausa de 90 dias nas tarifas que se aplicou a cerca de 75 países interessados em negociação, excluindo a China, o que trouxe um certo otimismo de volta aos mercados. O S&P 500 subiu 9,5%, e o Nasdaq avançou 12,2%, puxado por gigantes como Microsoft e Meta, que reportaram forte crescimento em suas divisões de nuvem. A lição é simples: em tempos de incerteza, empresas com balanços sólidos e exposição a setores de demanda inelástica tendem a liderar.

Enquanto o mundo assistia ao duelo comercial, o Brasil registrou um superávit comercial de US\$ 8,15 bilhões em abril, queda de 3,3% em comparação com 2024, com exportações batendo recorde de US\$ 30,4 bilhões. O desempenho, porém, esconde nuances:

A Indústria extrativa recuou 13,5% no acumulado do ano, pressionada pela queda na demanda chinesa por minério de ferro.

Agropecuária manteve trajetória positiva, com alta de 2,6% nas exportações, sustentada por commodities como soja e carne bovina, com um dólar mais estável, encerrando o mês cotado a R\$ 5,67.

O comunicado do Copom, após o aumento da Selic em março, destacou preocupação com a inflação de serviços (ainda em 6,8% no acumulado de 12 meses) e a trajetória fiscal, após a sanção do Orçamento de 2025 com despesas de R\$ 5,8 trilhões.

Para investidores, o sinal é claro: ativos indexados à Selic, como títulos públicos, seguem como portos seguros, enquanto setores dependentes de crédito (como varejo e construção) enfrentam pressões.

A busca por proteção contra a inflação levou o ouro a atingir US\$ 3.500/onça no início do mês, antes de corrigir para US\$ 3.200 com a estabilização do dólar. Já o petróleo Brent despencou 16% em abril, fechando a US\$ 62/barril, reflexo direto dos temores de recessão global e do anúncio da OPEP+ de aumentar produção em 500 mil barris/dia. Para empresas do setor, a mensagem é de cautela: hedge contra volatilidade e foco em eficiência operacional são imperativos.

O ataque russo com drones a um ônibus em Marhanets, Ucrânia, que matou nove civis em 23 de abril, acendeu alertas sobre a segurança energética europeia. O episódio ocorreu em meio a relatos de sabotagem em gasodutos no Báltico, elevando temporariamente o preço do gás natural na Europa em 18%. Para países dependentes de importações, como Alemanha e Itália, a lição é reforçar investimentos em energias renováveis e armazenamento.

Não tão comum no nosso acompanhamento, mas muito interessante para medir o "medo" dos investidores, o Bitcoin oscilou entre US\$ 76.000 e US\$ 100.000 no mês, refletindo aversão a risco inicial e posterior migração para ativos descentralizados diante da desvalorização de moedas emergentes.

Na renda fixa global, os Treasuries de 10 anos variaram entre 4% e 4,5%, enquanto no Brasil, títulos indexados à Selic atraíram fluxos recordes de US\$ 2,1 bilhões, segundo dados da B3.

Desempenho do Fundo e Estratégia

Abril reforçou a importância de diversificação geográfica e setorial. No meio desse emaranhado de choques e reações, o ATR FIA entregou rentabilidade de 3,99% no mês, acima dos 3,69% do Ibovespa. Seguimos com uma carteira diversificada, com alocações nos setores Financeiro, Indústria, Telecomunicações e Agro.

Destaque para a TIM S/A, que apresentou um primeiro trimestre de 2025 com números recordes: maior lucro da sua história para o período, ARPU (receita por usuário) em patamar elevado, aumento de 80 bps na margem EBITDA, além de redução do CAPEX. O capital de giro também contribuiu positivamente — algo raro para um 1º trimestre — resultando em forte geração de caixa. A ação acumula alta de +40% no ano e continua sendo um pilar importante da carteira.

O que seguimos monitorando:

- Desempenho das empresas no 1º trimestre de 2025;
- Dados setoriais de produção e consumo;
- Dados de disponibilidade de crédito e envidadamento de empresas e famílias, que podem impactar o desenvolvimento e consumo;
- O desenrolar das negociações EUA-China (com prazo crítico em julho), com impactos diretos sobre cadeias globais;
- A condução da política fiscal brasileira, especialmente se houver revisões de metas que pressionem os juros;
- Dados de inflação nos EUA, que poderão antecipar movimentos do Fed ainda neste semestre.

Seguimos com foco absoluto em proteger capital e capturar oportunidades, em um mundo onde o inesperado virou rotina.